

## **Pedagogias da terra**

### *Diálogos para a produção de experiências compartilhadas*

**Eloenes Lima da Silva**<sup>1</sup>

#### **Resumo**

O objetivo deste trabalho consiste em estabelecer um diálogo entre autores que se situam tanto a partir das cosmologias afro-indígenas quanto dos saberes provenientes dos campos da filosofia e da educação. Nesse sentido, o texto propõe refletir sobre como a construção de pedagogias da terra pode impulsionar modos de orientação que nos conduzam a habitar o mundo de maneira humana, ética e consciente. A proposta teórico-metodológica explora essa perspectiva educativa com o propósito de identificar novos formatos de convivência compartilhada entre todos os seres vivos que habitam o planeta. Desse modo, propor pedagogias da terra implica a criação de formas conscientes de orientar-se e coexistir com o mundo.

Palavras-Chave: educação; experiência; filosofia; pedagogia; terra

#### **Resumen**

El objetivo de este trabajo consiste en establecer un diálogo entre autores que se sitúan tanto desde las cosmologías afroindígenas como desde los saberes procedentes de los campos de la filosofía y de la educación. En este sentido, el texto propone reflexionar acerca de cómo la construcción de pedagogías de la tierra puede impulsar modos de orientación que nos conduzcan a habitar el mundo de manera humana, ética y consciente. La propuesta teórico-metodológica explora dicha perspectiva educativa con el propósito de identificar nuevos formatos de convivencia compartida entre todos los seres vivos que habitan el planeta. De este modo, proponer pedagogías de la tierra implica la creación de formas conscientes de orientarse y de coexistir con el mundo.

Palabras claves: Educación; Experiencia; Filosofía; Pedagogía; Tierra

### **1. Introdução**

As reflexões contidas neste texto estão posicionadas a partir de pensadores afro-ameríndios cujos conhecimentos e cosmovisões imaginam e praticam formas originais de habitar a terra. A perspectiva radical e integrativa de Ailton Krenak embasa grande parte das reflexões contidas aqui, juntando-se a autores ligados aos campos da filosofia como Gilles Deleuze e Félix Guattari. Como movimento teórico metodológico é proposto a produção de experiências como diálogos compartilhados que nos orientem para o convívio consciente com o mundo, alavancando outros modos de condução denominados aqui como pedagogias da terra. Nessa direção, o conceito de “pedagogia” é utilizado no texto a partir das problematizações de autores como Elizabeth Ellsworth, Viviane Camozzato e Marisa Costa. A conversão de perspectivas teóricas tão distintas parece ser desafiadora, mas, menos que aprofundar conceitos, interessa-nos aqui alinhar ideias a partir do pensamento dos autores abordados.

Desde a primeira parte do documento é proposto um diálogo, seja entre as cosmovisões indígenas em que somos convidados a nos permitir uma experiência em comunhão com a terra pela ideia do “espiritizar” no dizer de Krenak(2020), ou de como

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação; Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; [eloenessilva@gmail.com](mailto:eloenessilva@gmail.com)

podemos “compartilhar” uma ação com outra ação através de afetos que vão e vem, proposto por Bispo(2023). A potência da ideia de afeto nos coloca em um território de pensamento em que a filosofia torna-se prática, movimenta-se como ação em que o corpo e a mente não estão separados, mas fundidos para uma integração consciente como postula Deleuze (2019) a partir de Baruch Espinosa. Na segunda parte do texto o diálogo é ampliado como movimento teórico metodológico que busca alinhar o objetivo proposto por meio de autores que ampliam o entendimento e os usos do conceito de pedagogia.

## **2. Afetar, espiritar, compartilhar: reflexões para pensar interativamente**

Atentemos para o que escreveu Guattari (1996) em seu livro *Las Tres Ecologías* a respeito dos modos de vida humanos, individuais ou coletivos. Para o autor, essas são formas de viver que evoluem no sentido de uma “progressiva deterioração”, onde as redes de parentesco se reduzem ao mínimo, a vida doméstica está possuída pelo consumo midiático e a vida conjugal e familiar se encontra em uma espécie de standardização dos comportamentos. Aponta o autor que a relação da subjetividade com sua exterioridade seja ela social, animal, vegetal ou cósmica se vê comprometida em uma espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. Proposto, dessa forma, uma “revolução desejanante”, como anuncia Guattari (1996), colocaria-nos em um campo de luta, como indivíduos e grupos atuantes com e para a terra, e isto não se denominaria como um devaneio utopista, mas uma possibilidade de pensar como podemos achar falhas, rachaduras, rupturas para escapar das redes em que estamos presos.

É preciso elaborar e colocar-se sob outra perspectiva para entender o mundo que habitamos e para compreender, ainda que parcialmente, as suas linguagens. A linguagem do reino animal, nos é mais notória, pois é mais audível, pesquisada e colocada em evidência. As cantigas dos pássaros, o canto das baleias, a territorialização em bandos, tudo isso é muito conhecido para nós. Deleuze (1997) aponta que os seres humanos têm a ver com os animais pelos seus modos de se constituir em bandos, fascinam-nos as matilhas e suas multiplicidades, mesmo que se distingam entre si. As plantas, por sua vez, não falam com a linguagem humana, mas possuem um alvoroço em seu silêncio. Todo o denominado “reino vegetal”, desde as árvores, as sequoias mais gigantescas e até a mais minúscula herbácea imperceptível aos nossos sentidos estão em mundo sem palavras que nós humanos não conhecemos. Lembremos de Krenak (2022), quando afirma que “[...] não existe fronteira entre um corpo humano e outros organismos que estão ao seu redor”(p.39). A floresta que existe em uma folha, a terra que se concentra em um grão, o mundo que participa em tudo, se pudessem falar com a linguagem dos humanos, diriam: somos todos um só!

Deleuze (2019), em seu curso a respeito da filosofia prática de Espinosa, esclarece que enquanto o corpo é um modo de extensão, o espírito é um modo de pensamento, pois o espírito do indivíduo é constituído pelo que é primordial nos modos de pensamento, a saber, por uma ideia. A ideia que nós somos é para o pensamento e para as outras ideias o que o corpo que nós somos é para a extensão e para os outros corpos. Nesse automatismo entre corpo e pensamento, toda coisa é corpo e espírito simultaneamente, e o poder representativo dessa ideia, explica Deleuze (2019), emana dessa correspondência.

É interessante perceber como as ideias de “afecções” e de “afeto” atravessam toda essa discussão de composição com a terra. Somos corpos que podem ou não compor com o mundo, agir e pensar com a terra, por meio de nossos afetos, pois temos ideias, imagens que representam o que acontece ao nosso corpo e aos corpos exteriores e é por essas ideias que conhecemos nosso corpo e os outros, nosso espírito e os demais (Deleuze, 2019). Existe,

então, correspondência entre as afecções do corpo e as ideias do espírito, ideias que representam afecções. Passamos de um estado a outro nessa constituição entre espírito e corpo afetados por meio de variações ou durações que são denominadas como sentimentos, ou “afetos”. São os afetos-sentimentos que aumentam ou diminuem a potência de agir de um corpo. Passamos de uma potência de agir à outra: a diminuição de uma potência de agir é tristeza, o aumento de uma potência, é a alegria. Essas potências variam em função das causas exteriores para um mesmo poder de ser afetado. Trazer a perspectiva da filosofia de Spinoza para este texto, possibilita pensar que uma aprendizagem da terra se dá pelo afeto com a terra! É preciso nos deixarmos afetar pela terra!

Para Bispo dos Santos (2023) somos seres “compartilhantes”, pois nos constituímos com a terra por meio de afetos que estão em constante movimento. Para esse pensador quilombola (2023), o compartilhamento não é uma troca, como de um objeto por outro, mas sim “uma ação por outra ação, um gesto por outro, uma afeto por outro afeto. O compartilhamento é uma coisa que rende”(p.36). Assim, não existe “troca” entre nós e a natureza, mas um compartilhamento de todos os organismos vivos entre si.

Aproximamo-nos novamente de Krenak (2020), que denomina como “espiritizar” a experiência do corpo “em comunhão com a folha, com o líquen e com água, com o vento e com o fogo, com tudo que ativa nossa potência transcendente e que suplanta a mediocridade que o humano tem se reduzido (p.38). Orixás, indígenas, ancestrais, são tradições que instituíram mundos em que a vida é experimentada através do canto, da dança, dos tribalismos. São cosmovisões que se referem aos espíritos que orientam e nos colocam em composição com a terra. Podemos inferir que as ancestralidades afro-ameríndias produzem pedagogias da terra, criam modos para nos conduzirmos na e com a terra, pois “não existe fronteira entre o corpo humano e os outros organismos vivos que estão ao seu redor”(Krenak, 2020, p.39).

### **3. Por uma pedagogia da terra: produzir experiências de convívios compartilhados**

Krenak (2020), alerta para a ideia de natureza que temos. Ela sempre foi vista para nos servir, para nosso consumo! Mesmo que de forma consciente, vemos a terra como um ente que está sempre a serviço dos seres humanos. É como se a usássemos para tirar seus pedaços, sentencia o autor (2020), pois em busca de um bem viver, consumimos a terra e tudo que ela nos dá. Mas, nos esquecemos que somos parte dela, integramo-nos com o planeta, com a terra, e como afirma Krenak (2020), nós somos seres humanos que estamos subordinados a uma ecologia planetária, pois

nosso corpo, assim como todos os outros seres, ele está dentro dessa ecologia ou dessa vasta biosfera do Planeta como um elemento de equilíbrio e regulador. Nós não somos alguém que age de fora. Nós somos corpos que estão dentro dessa biosfera do Planeta Terra. É maravilhoso, porque, ao mesmo tempo em que somos dentro desse organismo, nós podemos pensar junto com ele, ouvir dele, aprender com ele. Então é uma troca mesmo, de verdade.

Pensar, agir e aprender como trocas que não se equacionam apenas de fora para dentro, como ensinamentos e aprendizagens que não são “adquiridos”, mas que estão constantemente em construção, funcionando como movimentos de produção constante entre os sujeitos e o mundo, entre os seres humanos e a terra pode ser visto da perspectiva de como vivemos uma experiência. Mais uma vez é Krenak que nos ensina que uma experiência em que aprendemos é aquela em que precisamos nos “confundir” com a terra, como uma extensão de tudo que existe, como uma experiência coletiva. E segue o autor:

trata-se de sentir a vida nos outros seres, numa árvore, numa montanha, num outro peixe, num pássaro e se implicar. A presença de outros seres não apenas se soma à paisagem do lugar que habito, como modifica o mundo. Essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação. Não para um tempo e um lugar imaginários, mas para um tempo em que estamos agora (2022, p.103).

Viver o agora não possui relação com os “immediatismos”, “dinamismos” ou a “aceleração” assumidos pela vida contemporânea. Viver o tempo em que estamos é quase uma experiência de compartilhamento com a terra. Somos seres compartilhantes, como assinala Bispo dos Santos (2023). Nesse sentido, é necessário uma forma de conviver que nos deixe afetar pelo mundo das coisas que são externas a nós, como a natureza. Mas que nessa experiência aprendemos com a terra, com o diálogo das plantas, com os animais, com a água, com a chuva. Sempre quisemos transformar o mundo, ou, pelo menos, desde o advento da modernidade, em que os seres humanos vangloriam-se de dominar a natureza, apartando-se dela, modificando-a. Desde sempre quisemos, como salienta Krenak (2019), imprimir na terra a nossa semelhança. No entanto, é a terra que nos faz humanos, não o contrário!

A perspectiva integrativa de Krenak aproxima-se da ideia de “experiências de aprendizagem” proposta por Ellsworth (2005). Experiências em que corpo, mente e cérebro produzem respostas para se constituir e se relacionar no tempo e no espaço de distintas maneiras. Por meio dessas experiências no e com o mundo, as aprendizagens são produzidas e entendidas menos como processo de “aquisição” ou “transmissão” de conhecimentos e mais como experiências “vivas”, já que envolvem ações, pensamentos e sensações que atuam conjuntamente.

Para Ellsworth (2005), essas experiências são cruciais para os processos subjetivos que são elaborados pelos sujeitos a partir da relação com a exterioridade do mundo e com os outros. São experiências de aprendizagem indispensáveis para a produção das pedagogias, pois direcionam nossos modos de entender, habitar e conviver no mundo, dependendo da condição dos diversos ambientes, situações e contextos.

É importante salientar que essa perspectiva de pedagogia difere dos entendimentos tradicionais desse conceito, cujos usos são quase exclusivos de instituições escolares. Camozzato e Costa (2013) argumentam que no momento presente assistimos à pluralização das pedagogias, entendendo-as “como um traço, uma marca da contínua vontade de investir e atuar sobre todos os aspectos e âmbitos da vida dos sujeitos contemporâneos – o que faz de cada um de nós um agente de incessante transformação e atuação com os saberes”(p. 23).

As autoras estendem a discussão ao afirmarem que os ambientes culturais contemporâneos possibilitam a constante invenção de pedagogias que não necessitam de um mestre condutor ou até mesmo de uma instituição com regras pré-determinadas, mas são pedagogias que funcionam como modos de condução, mobilizando a vontade do sujeito em seu processo subjetivo para a automodelagem. Pedagogias que, segundo as autoras (2013), operam para a elaboração e reelaboração de práticas e formas de atuar sobre nós mesmos, os outros e o mundo, dirigindo e orientando nossa conduta, esculpindo nossos modos de atuação nos mais variados ambientes contemporâneos.

Mas como é possível produzir outras pedagogias da terra? Outros modos de se (re)orientar em um mundo em que os discursos proliferam as ideias de “extinção”, de “extermínio”, de “fim do mundo”. A partir dessa perspectiva expandida e plural do entendimento do conceito e dos usos de pedagogia é possível articular outros modos de conviver com a terra como organismo vivo, para além de onde estamos inseridos seja em uma aldeia, comunidade, ou cidade. Desse modo, a proposta dos autores permite colocar em

evidência o caráter pedagógico da vida social contemporânea, e na perspectiva que este texto assume, ajuda-nos a pensar como conviver conjuntamente com os outros seres vivos do planeta pode abrir espaço para a produção de outros modos pedagógicos em que possamos nos orientar, conduzir e se posicionar de forma consciente e compartilhada na terra.

#### **4. Conclusão**

Este texto lançou abordagens iniciais com vistas à produção de pedagogias da terra. Pedagogia(s) entendidas como uma pluralização de seu conceito e seus múltiplos usos como destacam Camozzato e Costa (2013). Desse modo, propor pedagogias da terra, diz respeito à produção de formas conscientes de orientar-se e de compor-se com o mundo a partir de convívios coletivos e experiências compartilhadas com todos os seres vivos que habitam o planeta. Deixar-se afetar pelos outros organismos, aproximar-se de suas linguagens, compartilhar com a terra.

Embora reconhecendo a perspectiva ensaística de tal problematização, acredito que uma educação baseada pela “afecção”, no sentido dado por Deleuze a partir de Espinosa, no “espiritual”, proposto por Krenak, ou no “compartilhamento”, na visão de Bispo dos Santos, promovam a preponderância das experiências vividas à transmissão de conhecimentos. Tais experiências são indispensáveis para formas de pensar, agir e sentir cada vez mais plurais, inventivas e disruptivas. Uma educação orientada por pedagogias da terra busca promover conexões com outras formas de habitar o planeta.

#### **Referências**

- KRENAK, A. *Caminhos para uma cultura do bem viver*. [www.culturadobemviver.org](http://www.culturadobemviver.org). 2020. Org. Bruno Maia. 37 p.
- KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BISPO DOS SANTOS, A. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora\ PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.
- GUATTARI, Félix. *Las Tres Ecologías*. Traducción: José Vásquez Pérez y Umbelina Larraceleta. Luis Santángel, Valencia: PRE-TEXTOS, 1996. 79pp.
- DELEUZE, Gilles. *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)*. Tradução : Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. – 3. ed. – Fortaleza: EdUECE, 2019. 304 pp.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4 . Tradução de Suely Rolnik - São Paulo: Ed. 54, 1997 176 p. (Coleção TRANS).
- ELLSWORTH, E. *Places of Learning: media, architecture, pedagogy*. Londres: Routledge, 2005.
- CAMOZZATO, V. C.; COSTA, M. V. Vontade de pedagogia – pluralização de pedagogias e condução de sujeitos. *Cadernos de Educação*, n. 44, pp. 22-44, 2013.